

Homero: qual cultura? Que sociedade?*

Homer: what culture? What society?

Camila Aline Zanon**

Resumo: Desde as pesquisas arqueológicas realizadas por Heinrich Schliemann no final do século XIX um novo passado se desenhou para os épicos homéricos. Anteriormente considerados portadores de um conteúdo mitológico, após as descobertas arqueológicas que culminaram na definição de uma Idade do Bronze, eles passaram a ser vistos como uma fonte para tal período. Entretanto, essas mesmas pesquisas arqueológicas e ainda outras também revelaram as inconsistências dos épicos homéricos em relação a tal período e certa proximidade com a Idade do Ferro. O presente artigo tem como objetivo discorrer acerca dessas descobertas, percorrendo com o leitor os caminhos que conduziram os épicos de puro fruto da imaginação poética e mitológica para seu caráter de fonte histórica e, principalmente, questionar-se sobre a que sociedade e a que cultura remetem esses poemas.

Abstract: From the archaeological researches made by Heinrich Schliemann in the end of the 19th century, a new past was framed to the Homeric epics. Previously considered having a mythological content, after the archaeological discoveries that culminated in the definition of a Bronze Age, they started to be viewed as a source for that age. However, those same archaeological researches and other ones also revealed the inconsistencies of the Homeric epics relating to such an age and its proximity to the Iron Age. The present paper aims to discuss those discoveries, running through with the reader the ways that conducted the epics from just a figment of poetic imagination to its role as historical source and mainly to enquire about which society and which culture those poems refer to.

Palavras-chave:

Homero;
Ilíada;
Arqueologia;
Idade do Bronze;
Idade do Ferro.

Keywords:

Homer;
Iliad;
Archaeology;
Bronze Age;
Iron Age.

Recebido em: 07/10/2013

Aprovado em: 25/11/2013

* Este artigo é fruto da dissertação de mestrado *A Ilíada de Homero e a Arqueologia*, defendida em 2009 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, orientada pela Profa. Dra. Haiganuch Sarian, com bolsa CAPES.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Christian Werner, com bolsa FAPESP.

Para leitores ocasionais dos épicos atribuídos a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, não saber à qual sociedade pertenciam aqueles heróis que figuram nos poemas não chega a ser um prejuízo para seu deleite nem um impedimento para a compreensão das narrativas contidas neles: os quase 30 mil versos que totalizam as duas obras entretêm aqueles que resolvem enfrentá-los e cada um dos poemas apresenta em sua perspectiva geral uma coerência interna tenaz. Entretanto, para aqueles que se dispõem a estudá-los, quer como obras literárias, quer como fontes históricas, questionar-se a respeito da cultura e da sociedade a qual esses épicos remetem ou não acaba sendo imperativo e até um pressuposto metodológico.

Esse questionamento parece não ter sequer existido na Antiguidade. Nenhum autor da Grécia Clássica duvidou do helenismo presente nesses poemas, ou seja, de que seu conteúdo remetia a um passado comum entre aqueles que se consideravam helênicos, que os feitos de heróis que não mais caminhavam sobre a terra compunham um passado que lhes pertencia e que se tornava presente em cada situação de *performance* desses poemas.

Foi apenas a partir de pesquisas arqueológicas no final do século XIX que esse passado foi questionado. A Cultura Material revelada então e os estudos subsequentes dessas evidências levantaram a questão de a qual sociedade os poemas homéricos remetiam. Essas pesquisas arqueológicas tiveram início com o alemão Heinrich Schliemann (1822-1890), quando a Arqueologia era ainda uma disciplina incipiente e seus métodos não muito científicos. Mas não foi exatamente com o intuito de descobrir à qual sociedade pertenciam os heróis da poesia homérica que Schliemann seguiu para Troia com os poemas em punho: sua intenção era provar que os poemas remetiam a um passado não mitológico, mas histórico, que a cidade de Troia tinha realmente existido e que guardava tesouros a serem descobertos.

Schliemann em Troia

Foi em Hissarlik (que significa "fortaleza", em turco), na atual Turquia, um monte a 5 quilômetros ao sul do Helesponto e com 40 metros de altura, que Schliemann encontrou uma possível localização para Troia. Mas Schliemann não estava sozinho nessa hipótese: Frank Calvert, um oficial inglês expatriado que vivia na Trôade e que era dono

de uma parte da colina de Hissarlik, já havia sondado sua parte do monte e percebido que era formado por ruínas. Hospedado na propriedade do inglês, Schliemann se convenceu de que ali estava Troia: o monte composto por ruínas ficava a uma distância do mar compatível com a distância percorrida pelo exército de aqueus entre a cidade e seu acampamento no litoral e que era possível percorrer o entorno do monte como fizera Aquiles arrastando o corpo de Heitor.¹

Schliemann, então, baseando-se na convicção adquirida em Homero de que a Troia de Príamo era o estabelecimento original da colina, pensou que suas ruínas deveriam jazer na base do grande monte e, no afã de trazê-las à luz, acabou por destruir grandes extensões de camadas superiores de vestígios mais recentes. Foi ao final dessa primeira empreitada que Schliemann encontrou, dentre muitas peças de cerâmica e metais variados, o “tesouro” que ele denominou “Tesouro de Príamo”, por acreditar que o muro onde o teria encontrado pertencia à cidade dos épicos homéricos.² Schliemann não hesitou em relacionar algumas das mais de 8.700 peças do Tesouro a objetos descritos ou mencionados por Homero: um objeto ovalado de bronze com aproximadamente 50 cm de diâmetro ele associou ao *aspis omphaloessa* homérico, um escudo que teria uma espécie de protuberância em seu centro (*Ilias*, IV, 448; VI, 118; VIII, 62; etc); um caldeirão de cobre ele relacionou à *lebês* homérica, cujo tipo Agamêmon oferece 20 exemplares a Aquiles (*Il.*, IX, 120, 265; XIX, 244); uma molheira de ouro ele relaciona ao *depas amphikypellon* homérico, que Hefesto deposita nas mãos de Hera (*Il.*, I, 584) e que Belerofonte oferece a Eneu (*Il.*, VI, 220); eram desse tipo também os recipientes utilizados pelos mensageiros de Agamêmon, enviados à tenda de Aquiles, para libar antes de partirem de volta às naus (*Il.*, IX, 656); é de um *depas amphikypellon* que Aquiles despeja a libação a Pátroclo no canto XXIII, 219 e que oferece, no mesmo canto (*Il.*, XXII, 656, 663, 667 e 699), ao vencido na prova de pugilato.³

¹ A narrativa sobre a localização de Troia pode ser encontrada na publicação de Schliemann *Ithaka der Peloponnes und Troja*, originalmente de 1869, e que recebeu uma tradução para o português em 1992 intitulada *Ítaca, o Peloponeso e Troia* (cf. referência completa na bibliografia do presente artigo).

² Os três primeiros anos de escavação em Troia (1871-1873) e a descoberta do “Tesouro de Príamo” foram publicados em forma de diário de escavação sob o título *Trojanische Altertümer* em 1874. A edição utilizada aqui é a vertida para a língua inglesa intitulada *Troy and its remains: A Narrative of Researches and Discoveries Made on the Site of Ilium and in the Trojan Plain* (cf. referência na bibliografia).

³ Schliemann retirou secretamente o “Tesouro de Príamo” da Anatólia, enviando-o para a Grécia, onde o manteve guardado. Por isso o governo otomano da época não mais permitiu que Schliemann escavasse em Troia e exigiu que ele compartilhasse o tesouro. Mais tarde ele doou alguns objetos do tesouro para o Império Otomano em troca da permissão para escavar em Troia novamente. Tais objetos estão localizados

O muro onde encontrara tal tesouro tão numeroso e valioso não poderia senão ser de época homérica, mas ambos não estavam no estrato mais antigo ou no estabelecimento original como Schliemann supunha estar a cidade de Príamo; eles faziam parte do que Schliemann definiu como segundo estrato. Então, ele concluiu que o segundo estrato ou segunda cidade é o que correspondia à Troia homérica. Com a finalidade de encontrar mais tesouros e também trazer à luz o muro que envolvia Troia, cuja construção Homero (*Il.*, VII, 452-453) atribui a Poseidon e Apolo, Schliemann destruiu o muro do nível superior.

Essa primeira empreitada de Schliemann, além de ter lhe rendido um dos achados com maior número de peças de ouro na história da Arqueologia, rendeu-lhe também o grande equívoco que está intimamente ligado a seu nome: a destruição de grande parte da cidade que ele queria tanto trazer à luz.

Sem permissão do governo turco para continuar as escavações nos anos seguintes, Schliemann partiu para a Grécia continental, mais precisamente para Micenas e Tirinto.

Tirinto era famosa na Antiguidade por ser a cidade natal de Hércules e por seus muros "ciclópicos", à qual Homero atribui o epíteto *teikhióessa*, "bem amuralhada" (*Il.*, II, 559). Sobre a denominação "ciclópico" para tais muros, Schliemann faz um interessante comentário que revela um questionamento da relação entre a mitologia e as fontes materiais de natureza muito diferente da que estabeleceu para o tesouro que encontrou em Troia:

Devo mencionar aqui que a alcunha "Muros Ciclóticos" é fundamentada sobre um erro, pois deriva da lenda de que os Ciclopes eram exímios arquitetos. [...] Há, evidentemente, nenhuma fundamentação histórica para denominar "Ciclóticos" esses muros de enormes blocos [...]. Mas como a palavra é geralmente utilizada, não posso deixar de empregá-la.⁴

no Museu Arqueológico de Istambul. O restante foi enviado, em 1880, ao Museu Imperial de Berlim, e foi exposto no Museu do Pérgamo, sob cuja posse ele se manteve até 1945, quando desapareceu. Na verdade, ele foi levado para a então União Soviética pelo Exército Vermelho. Durante a Guerra Fria, o governo soviético negava qualquer conhecimento sobre o destino do tesouro. Entretanto, em 1993, o tesouro foi descoberto no Museu Pushkin em Moscou. Iniciou-se então uma negociação para que o tesouro voltasse à Alemanha, mas em junho de 2004, diretores de museus na Rússia se pronunciaram em oposição à devolução do tesouro, justificando que era uma forma de compensação pela destruição de cidades russas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴ "I may here mention that the name 'Cyclopean walls' is founded on an error, being derived from the mythic legend that the Cyclopes were distinguished architects. [...] There is of course no historical foundation for calling walls of huge blocks 'Cyclopean', [...] But as the word has come into general use, I cannot avoid employing it" (SCHLIEMANN, 1976a, p. 3). Essa publicação é o resultado das escavações em Micenas e

Micenas se encontrava em estado bem diferente de Troia; além de nunca ter sido completamente soterrada, sua localização nunca foi objeto de controvérsias: desde o início do século XIX, ela era visitada e frequentemente pilhada por seus visitantes. Lá, dentre os cinco edifícios denominados “tesouros” localizados por Schliemann, o maior e mais famoso é o atribuído a Atreu. Na verdade, o Tesouro de Atreu era um monumento conhecido na região, embora sob o nome de Túmulo de Agamêmnon (que não deve ser confundido com o local de achado da “Máscara de Agamêmnon”, também escavado por Schliemann). Sua entrada é precedida por um corredor denominado *dromos*; seu interior é composto por uma câmara que fora comparada por Schliemann a uma colmeia (*bee-hive*), denominação que permanece até hoje para esse tipo de túmulo (*bee-hive tomb*). Tendo visitado Orcômenos anteriormente, Schliemann comparou o tipo de construção do Tesouro de Atreu ao Tesouro de Mínias e concluiu que ambos deveriam ser contemporâneos.

Schliemann encontrou semelhanças entre a cerâmica proveniente de Micenas e a cerâmica encontrada num túmulo em Ialysos, na ilha de Rodes, onde havia um escaravelho egípcio da época de Amenófis III, que reinou por volta de 1400 a.C. Outra importante descoberta que possibilitava relações cronológicas entre sítios diferentes foram as figurinhas femininas encontradas em Micenas do mesmo tipo das encontradas anteriormente em Tirinto. Iniciava-se, então, uma série de relações cronológicas que culminaria num quadro geral de datação para o Mediterrâneo antigo.

Por causa de uma leitura errônea de um trecho de Pausânias, Coronel Leake e Ernst Curtius, que escreveram sobre o Peloponeso, pensavam que o túmulo de Agamêmnon e seus companheiros estava dentro dos muros que abrangem tanto a acrópole quanto a parte baixa da cidade. Schliemann, espertamente, interpretava tal passagem como se referindo apenas aos muros da acrópole. E foi justamente no interior desses muros, nas proximidades da Porta dos Leões, que ele encontrou o Círculo Tumular A, que continha cinco sepulcros e um total de 15 corpos cobertos com objetos de ouro e cercados de oferendas, dentre eles a máscara que atribuiu a Agamêmnon, por acreditar ter descoberto

Tirinto em 1878 e foi publicada originalmente em 1880. A tradução do trecho para o português é própria. Interessante comentar que essa publicação é dedicada a D. Pedro II, imperador do Brasil, que chegou a visitar o sítio de Micenas a convite de Schliemann, e este lhe ofereceu um jantar no interior do denominado “Túmulo de Atreu”.

o túmulo do governante micênico e seus companheiros mencionado por Pausânias. Na verdade, havia seis sepulcros no total, mas o sexto foi encontrado posteriormente, já que Schliemann cessou a escavação após encontrar o quinto sepulcro, pois sua fonte, Pausânias, mencionava apenas cinco túmulos.⁵

Durante o mesmo ano de 1878, Schliemann empreendeu novas escavações no sítio de Troia, que seguiram pelo ano de 1879, das quais resultaram algumas modificações sobre a cronologia do sítio e os estratos passaram a ser denominados "cidades". Em 1883, Schliemann escavou em Troia com a ajuda do jovem arquiteto alemão Wilhelm Dörpfeld e se recusou a fazer as correções relativas à cronologia propostas por Dörpfeld. Em 1884, publicou *Troja*, em que analisa os resultados dos seus dez anos de estudos em Troia examinando sistematicamente nível por nível, cidade por cidade.⁶ Nesse mesmo ano, voltou a Tirinto, onde revelou o palácio junto com Dörpfeld, que foi o responsável por registrar essa escavação.

Em 1890, Schliemann e Dörpfeld descobriram, no extremo sul da elevação de Hissarlik, um grande edifício cuja planta era bastante semelhante à sala do trono dos palácios em Micenas e Tirinto e achava-se claramente associado ao depósito de Troia VI, que continha grande número de fragmentos de cerâmica micênica, com as quais já tinham bastante contato a partir das escavações em Micenas e Tirinto. Planos, então, foram estabelecidos para novas escavações em 1891, mas Schliemann faleceu em 26 de dezembro de 1890. Dörpfeld, que continuou a escavar em Troia após a morte de Schliemann, corrigiu os dados coletados nas escavações anteriores, propondo uma nova cronologia para o sítio de Troia, na qual a cidade narrada pelos poemas homéricos corresponderia à Cidade VI e não à II ou III como acreditava Schliemann, retirando do tesouro a aura heroica que seu descobridor lhe havia imposto.

Em 1893 e 1894, após a morte de Schliemann, Dörpfeld levou a cabo duas grandes campanhas no monte de Hissarlik e publicou as correções e novos resultados numa

⁵ Depois de Schliemann, que trabalhou em Micenas durante apenas 15 semanas, o arqueólogo grego Stamatákis assumiu a exploração do sítio, entre os anos de 1877 e 1878, por intermédio da Sociedade Arqueológica de Atenas, e descobriu o sexto túmulo no interior do Círculo Tumular A. Ele também continuou as escavações das casas em suas adjacências e limpou o *dromos* do Tesouro de Atreu que, até então, tinha uma parte bloqueada.

⁶ Schliemann publicou todas as suas temporadas de escavações, sendo as primeiras publicações em forma de diário de escavação. Nelas se encontram descrições detalhadas dos objetos e dos locais de achado, desenhos e planos que revelam sua preocupação em registrar meticulosamente as informações arqueológicas.

grande obra intitulada *Troja und Ilion*. Durante essas duas campanhas, tendo em vista as descobertas anteriores, especialmente a construção em forma de *megaron* no extremo sul da elevação associada ao depósito de Troia VI, que continha grande quantidade de fragmentos de cerâmica similares à encontrada em Micenas, Dörpfeld descobriu as muralhas e as grandes casas de Troia VI. A associação dessas construções ao mesmo tipo de cerâmica encontrada em Micenas tornou claro que o sexto estabelecimento era contemporâneo às fortalezas de Micenas e Tirinto e, portanto, a sua identificação com a Troia de Homero e de Príamo era inevitável. Embora longe de ser conclusiva, essa proposição prevaleceu até a década de 1930, já que o sítio de Troia deixou de ser escavado e só voltou a sê-lo na década de 1920.⁷

Com as descobertas de Schliemann, não apenas Troia deixou de ser um mito, mas os poemas homéricos deixaram de ser apenas obras literárias com um conteúdo mítico e passaram a ser vistos também como fonte histórica para um passado muito mais distante do que se supunha. Com a ajuda de Dörpfeld, esse passado foi circunscrito a uma época que apresentava muito mais do que máscaras de ouro, como revelou Schliemann, ele remetia a uma Idade do Bronze.

Tsountas em Micenas

Entre 1884 e 1902, Christos Tsountas foi o responsável pelas escavações em Micenas. Apenas a região do Círculo Tumular A havia sido escavada por Schliemann, e a cidadela em quase sua totalidade não havia sido explorada. Foi Tsountas quem revelou os muros em toda sua extensão e encontrou uma passagem subterrânea que conduz a uma cisterna, a qual possibilitava aos habitantes da cidadela sobreviver a períodos de cerco; revelou também a planta do palácio e sua semelhança com o palácio de Tirinto (TSOUNTAS, 1897).

No lado de fora dos muros, no que se denomina “parte baixa da cidade”, Tsountas abriu mais de 60 Túmulos em Câmara, um tipo de sepulcro que consiste em uma pequena caverna artificial cavada em pedra, cuja entrada é precedida por um *dromos* levemente inclinado para baixo, muito similar a *tholos*, embora menos monumental.⁸ Do estudo dos

⁷ Para um apanhado geral sobre as descobertas de Schliemann e Dörpfeld, cf. Stubbings (1973).

⁸ Para uma compreensão dos diferentes tipos de túmulos do Período Micênico e seu conteúdo, cf. Torralvo (1993).

diferentes tipos de túmulos encontrados em Micenas, Tsountas concluiu que o morto não era cremado, pois mesmo nas urnas, onde o morto era depositado, encontravam-se ossos. Essa incongruência em relação ao texto homérico, principalmente relativa ao funeral de Pátroclo, no canto XXIII da *Ilíada*, em que é evidente a incineração do corpo, chamou-lhe a atenção.

Tsountas já notara que os muros das várias Troias com suas torres e as habitações em seu interior eram bastante distintos quanto à técnica de construção presente em Micenas e Tirinto, levando-o a interpretá-las como expoentes de culturas distintas.

Com as escavações de Tsountas, havia material suficiente para uma publicação consistente sobre o período que então viria a se denominar *Micênico*; a publicação, originalmente de 1893, recebeu uma versão em inglês em 1897 sob o título *The Mycenaean Age: a study of the Monuments and culture of Pre-Homeric Greece*. Esta foi a primeira publicação sistematizada sobre a civilização que se tornou conhecida como micênica. Apesar da disponibilidade do material até então encontrado, um sistema satisfatório de sequência cronológica para o continente, como Arthur Evans estava fazendo para a civilização Minoica, na ilha de Creta, não apareceu até depois da Primeira Guerra Mundial.⁹

No fim do século XIX, enquanto Tsountas publicava os resultados de suas escavações em Micenas e Arthur Evans escavava em Creta, outros pesquisadores faziam suas investigações arqueológicas em vários sítios pela Grécia continental e insular (Orcômenos, Tirinto, Gla, Tebas, Atenas); o conhecimento da cultura micênica crescia e a duração dessa civilização se tornava mais aparente, em grande parte graças aos achados em cerâmica.¹⁰

À medida que respondiam a determinadas questões, as escavações remetiam ainda a novas, como por exemplo: eram os habitantes de Micenas gregos? Ainda não havia como responder a essa pergunta, embora não restassem muitas dúvidas de que seus governantes tivessem sido alguns dos heróis homéricos. Mas essas perguntas se

⁹ Durante os 20 anos que seguiram Tsountas, as investigações em Micenas se limitaram a explorações esporádicas realizadas por D. Evangelides em 1909, G. Rodenwaldt em 1911 e A. Keramopoulos em 1917.

¹⁰ Schliemann já se referira à cerâmica como "a cornucópia da Arqueologia", percebendo que grandes monumentos e objetos preciosos dizem bastante sobre o conhecimento técnico que uma civilização atingiu, mas a cerâmica é encontrada em muito maior abundância e em lugares mais distantes. Não apenas devido à sua abundância, mas ao seu uso e descarte, podendo ser quebradas com certa facilidade, elas fornecem uma datação relativa muito mais precisa do que objetos preciosos, que podem ser mantidos por muito tempo e passados de geração em geração dentro de uma mesma família.

aproximariam de suas respostas 20 anos mais tarde, pois Micenas só voltaria a ser sistematicamente escavada durante a década de 1920, após a Primeira Guerra Mundial; e, durante esses 20 anos, outra estrela brilhou no campo da arqueologia: a Creta de Sir Arthur Evans, que dominou o cenário da pesquisa arqueológica no Mediterrâneo durante esse período.

Entre 1920 e 1923, sob a coordenação de Wace, da Escola Britânica de Atenas, as escavações foram retomadas em Micenas. O *dromos* e a soleira da porta do Tesouro de Atreu revelaram um depósito que continha fragmentos cerâmicos semelhantes aos que Tsountas já encontrara sob as paredes do Túmulo de Clitemnestra (como se vê, os nomes ainda remetiam aos épicos homéricos), e esse mesmo tipo de cerâmica tinha sido encontrado por Flinders Petrie em Tell-El-Amarna, cidade no Egito que tinha sido capital do império do faraó Akhenaton e ocupada por apenas 15 anos, entre 1379 e 1362 a.C. (STUBBINGS, 1973, p. 40), proporcionando assim, com base nas cronologias egípcias, uma datação bastante segura para essas construções. Desse modo, um modelo cronológico para Micenas estava sendo construído e o próximo passo seria voltar a Troia e verificar até que ponto essa cronologia poderia contribuir para a história de sua ocupação durante o mesmo período.

Dörpfeld e Blegen em Troia

Depois das duas campanhas de Dörpfeld em Troia, foi a vez da expedição da Universidade de Cincinnati, com a ajuda do próprio Dörpfeld, tendo Blegen como diretor de campo, que já havia escavado em Kourakou, Zygouries e Prosymna. Dentre os anos de 1932 a 1938, sete campanhas de três a quatro meses cada uma foram realizadas e publicadas anualmente no *American Journal of Archaeology*.¹¹ Essa expedição conseguiu identificar não menos do que 46 estratos: cada uma das nove camadas principais, como já tinha sido notado por Dörpfeld, compunha-se de dois a nove estratos secundários, estas subdivisões indicando fases cronológicas mais curtas dentro dos períodos principais. Tornava-se claro que as camadas e períodos desde Troia I até, e incluindo, Troia V pertenciam a uma era que corresponde à Idade do Bronze Antiga (3000-1800 a.C.), enquanto o começo de Troia VI marca a passagem para a Idade do Bronze Média.

¹¹ Entre 1950 e 1958 esses resultados foram publicados sob a direção de Blegen em 4 volumes denominados *Troy: Excavations Conducted by the University of Cincinnati, 1932-38*. Princeton: University Press, 1950-58.

O sexto estabelecimento manteve-se sem uma verdadeira ruptura até parte final da Idade do Bronze Recente, embora o fim real dessa era se encontre representado pelas Troias VIIa e VIIb1 (BLEGEN, 1971).

Troia VIIa foi construída sobre os escombros de um terremoto que teria destruído Troia VI. E ao que parece, foi reconstruída pela mesma população, que teria conseguido se salvar. A reconstrução do muro levou mais ao sul a sua linha de fortificação, e foi reconstruído com pedras que caíram da construção anterior; as casas de Troia VIIa também foram construídas com material dos escombros, juntas umas às outras, como geminadas. Quase todas elas continham *pithoi* enterrados no chão para armazenagem que alcançavam até 2 m de altura. Há casas com até 20 *pithoi*, cujo chão tornava-se um crivo, mas como eram enterrados até a boca e sobre eles eram colocadas lajes de pedra como tampas, era possível andar pela casa. Esses potes foram utilizados em todos os estabelecimentos de Troia, mas apenas em Troia VIIa é que eles passaram a ser enterrados quase que totalmente e essa inovação provavelmente ocorreu em função da necessidade de aproveitamento total de sua capacidade de armazenamento e para deixar livre o chão das casas, já bastante apinhadas.

Blegen supôs que tal necessidade de espaço talvez não tivesse sido necessariamente uma decorrência de crescimento populacional, mas o resultado de alguma emergência que fez com que os habitantes da parte baixa da cidade, externa aos muros, tivessem necessidade de habitar intramuros. Em Troia VIIa, a cerâmica mília cinzenta aparece profusamente com o mesmo material, acabamento e formas típicas idênticos aos que predominavam na última fase de Troia VI, e continuou a se usar cerâmica micênica, embora a Expedição de Cincinnati tenha encontrado um número menor de fragmentos dessa cerâmica em relação ao número de fragmentos de cópias locais, demonstrando uma queda nas importações desse tipo de cerâmica. As peças importadas correspondem ao tipo que Furumark (1941) classificou em Micênica IIIA e IIIB, e como não foi descoberto nenhum fragmento do tipo Micênico IIIC, supôs-se que Troia VIIa tenha encontrado seu fim antes que pudesse importá-la. De acordo com Furumark, a variação dos estilos cerâmicos do IIIA para o IIIB processou-se por volta de 1300 a. C., o que se pode então considerar uma data aproximada para a destruição de Troia VI, e o estilo Micênico IIIB aproxima a data de sua destruição por volta de 1250 a. C.; Troia VIIa durou pouco mais de uma geração e a sua destruição foi, segundo a expedição de Cincinnati, obra de intervenção humana, acompanhada de mortes e combates, como

mostraram os restos de corpos que a expedição encontrou entre os escombros, jazendo em posições que não seriam as comuns em enterramento, às vezes encontrando apenas o crânio esmagado, e logo depois o resto do corpo alguns metros adiante. Finalmente, Blegen poderia ter encontrado a cidade que fora pilhada, capturada e depois imortalizada na *Ilíada*, o que tornava ainda mais patente que a sociedade representada nos poemas homéricos pertencia à Idade do Bronze.

Blegen em Pilos

Se Troia VIIa foi a cidade destruída pela Guerra de Troia, essa destruição não poderia ser posterior à queda dos grandes palácios do continente, como Micenas e Tirinto. Logo, Blegen precisava novamente se voltar para a Grécia continental, para um sítio onde a estratigrafia não tivesse sido arruinada pelos primeiros escavadores; mas qual das cidades homéricas seria a escolha mais apropriada? Pilos, a cidade de Nestor, seria perfeita se a sua localização exata fosse conhecida; sabia-se apenas que ficava na Messênia. Diferentemente de Micenas e exatamente como Troia, não havia qualquer certeza sobre sua localização.

Como Schliemann, tendo Homero como guia, em 1939, mais de 70 anos depois da primeira aventura do alemão pela planície troiana, Blegen e Kouroniotis, um arqueólogo grego que havia descoberto duas *tholoi* na região da Messênia, prospectaram a nordeste da Baía de Navarino, com a ajuda de habitantes locais que sabiam onde havia reminiscências de antigas ocupações. No final de dez dias, oito sítios foram encontrados, dentre eles um a dez quilômetros da baía cuja vista era espetacular e que Blegen pensou ser um excelente lugar para se construir um palácio. Nesse monte denominado Ano Englianos, ao abrir a primeira trincheira, Blegen deparou com os restos de um palácio muito semelhante ao de Micenas e ao de Tirinto; além disso, em torno de 600 tabletes e fragmentos na escrita Linear B. Blegen, então, publicou os achados nos três volumes de *The Palace of Nestor at Pylos in Western Messinia*.

Pilos e a Linear B

A existência da escrita Linear B já era conhecida desde as escavações de Evans em Cnossos; uma grande quantidade de tabletes foi revelada nessas escavações e também

nas de Tirinto, Orcômenos, Pilos e Micenas. Além dos tabletes e nódulos em argila, há cerca de 150 vasos com inscrição pintada, a maior parte proveniente de sítios que já apresentavam tabletes. Como eles são difíceis de distinguir da terra removida numa escavação, é provável que muitos tenham se perdido nas primeiras explorações de Micenas e Tirinto.

A datação dos tabletes e vasos inscritos encontrados no continente, ao menos daqueles passíveis de serem datados, é atribuída, em sua maioria, à segunda metade do século XIII a.C.

Foi apenas em 1951, com a publicação dos tabletes de Pilos, que os esforços para seu deciframento tiveram início. Conta-se que Michael Ventris era um jovem arquiteto fascinado pelo mistério da escrita Linear B desde a adolescência, quando assistiu a uma conferência proferida por Sir Arthur Evans em 1936. O seu deciframento, com a ajuda de John Chadwick e das pesquisas da classicista americana Alice Kober, mostrou que a escrita representava uma forma de grego, pois palavras como *wanax*, utilizadas por Homero, tinham sua representação escrita nos tabletes, além da forma do genitivo em *-oio* e da terminação *-phi* que desapareceria nos dialetos do período clássico.¹²

Talvez a maior consequência do deciframento da Linear B tenha sido que ela expressava uma espécie de grego e, conseqüentemente, a língua falada pelos habitantes dos palácios onde tabletes em Linear B foram encontrados deveria ser uma forma de grego, estabelecendo, assim, uma ligação entre os micênios e os gregos para além do compartilhamento do território ocupado por ambos em épocas diferentes. Embora os tabletes não apresentassem conteúdo literário ou religioso e fossem inventários da contabilidade palacial, um pouco da organização social e política pôde ser esclarecida à luz do deciframento. Tanto Cnossos quanto Pilos, dois lugares de onde vem a maior parte dos tabletes, eram governadas por "monarquias", pois há tabletes provenientes de ambas as cidades que mencionam *wanax* (uma espécie de governante com poderes reais), o que não é surpreendente diante dos complexos palaciais encontrados em ambas e que demandariam certa organização burocrática. Há ainda uma série de títulos menores, dentre eles o mais interessante talvez seja o de *basileus*, que em tempos micênicos seria um título local e que não chegaria perto do poder expresso pelo *wanax*, dois termos que aparecem nos poemas homéricos, mas com estatuto diferente daquele presente nos

¹² A narrativa e o método de deciframento da Linear B podem ser encontrados em Chadwick, 1995 [1958].

tabletes.

Alguns tabletes de Pilos fornecem informações acerca da disposição de unidades militares. Há também tabletes que apresentam nomes como Aquiles, Heitor e Teseu referindo-se a pessoas comuns.

A partir do deciframento da Linear B, a relação entre uma forma 'arcaica' de grego e o grego utilizado por Homero era inevitável. A existência do *digama* na Linear B e a solução que a possível utilização desse som trouxe para versos em que o pé hexamétrico em Homero simplesmente parecia não estar correto, demonstrava uma continuidade entre a língua falada pelos micênios e a língua de Homero. A explicação seria de que o bardo, que não pronunciava o 'w', cantava versos compostos originalmente quando tal som ainda era pronunciado ou que ele compunha e cantava à moda de tal época.

Wace em Micenas

Wace voltou novamente a Micenas, em 1939, pela Escola Britânica de Atenas, para realizar novos estudos na cidadela e no Tesouro de Atreu. Escavou a Casa das Colunas encontrada por Tsountas, em 1895, mas nunca publicada até então, particularmente interessante por ser uma grande construção contemporânea ao grande *megaron* de Tirinto e habitada até o incêndio de Micenas, no século XII a. C. (WACE, 1939).

As escavações em Micenas foram interrompidas em decorrência da II Guerra Mundial, e só foram recomeçadas em 1950. Nesse ínterim, a cerâmica micênica descoberta até então foi sistematicamente estudada e classificada em Heládico Tardio I, II e III por Furumark e tornou possível o estabelecimento da cronologia para os sítios do período micênico, inclusive Troia.

Em 1951, Wace publicou um artigo, juntamente com a publicação da campanha de escavação realizada em 1950 em Micenas, sobre a casa homérica, chamando a atenção para o fato de algumas casas apresentarem escadas e cômodos superiores ou inferiores. E que, quando Homero, na *Ilíada*, VI, 288, usa o verbo *katabainô*, ele realmente quer dizer que Hécuba *desceu* as escadas do *megaron* até uma dispensa para pegar seu melhor *peplos* (vestimenta) para dedicar a Atena. Wace então concluiu que devia ser comum que a casa micênica tivesse três andares: um porão, o térreo (que seria o andar principal) e um andar superior. Ele ainda acrescenta que seria bastante razoável, pois a maior parte das cidades do período micênico está localizada sobre montes, como a própria Micenas.

Uma passagem no mesmo canto (VI, 316) expressa o que parece ser as três principais partes de uma casa: a *aulê* (pátio), *dôma* (ala social) e *thalamos* (aposentos). Isso é bem ilustrado pela Casa da Colunas, que tinha um porão, um andar térreo e pelos menos um andar superior, e também pelo Granário, que tinha porão e dois andares superiores.

Esse caso é bastante ilustrativo de como a Arqueologia poderia ajudar na compreensão do texto homérico, revelando uma postura inversa da que predominava até então na relação entre texto homérico e fontes arqueológicas.

Nessa época, o termo “micênico” já estava bem estabelecido para aquela sociedade revelada por Schliemann e Tsountas, mas que ultrapassava em muito seus muros “ciclópicos”, pois desde então as semelhanças encontradas em outras partes da Grécia alargaram o termo, fazendo-o abranger a Hélade continental do final da Idade do Bronze (1620-1120 a.C.) em sua totalidade. Na verdade, o termo “micênico” caracteriza a cultura presente na Grécia durante a maior parte do segundo milênio a.C., mais precisamente sua segunda metade.¹³

Troia: sai Homero, entra a Daimler-Chrysler

Desde 1988, uma expedição internacional denominada *Project Troia* reiniciou o trabalho em Troia sob a direção de Manfred Korfmann da Universidade de Tübingen com a colaboração da Universidade de Cincinnati e outros especialistas.¹⁴ Korfmann, diferentemente de seus antecessores em Troia, nunca fora um classicista; era um pré-historiador que iniciou sua pesquisa em Hissarlik depois de ter conduzido escavações na Anatólia central pelo Instituto Arqueológico Alemão, e que veio ao Dardanelos para estudar os movimentos, as relações comerciais e as estruturas de poder no ponto exato onde Ásia e Europa se tocam numa época muito anterior ao florescimento da cultura greco-romana. Pela primeira vez, Troia seria escavada por alguém que não necessariamente tinha Homero como pressuposto e sua perspectiva não era exatamente de alguém que via Troia a partir da Grécia. Isso significou uma mudança considerável de perspectiva (LATA CZ, 2004).

¹³ A título de curiosidade, a quantidade de objetos em ouro escavada em Micenas é maior do que a quantidade escavada em todos os outros sítios micênicos do continente juntos – e faz jus ao epíteto homérico “rica em ouro”.

¹⁴ Korfmann faleceu em 2005, mas as escavações em Troia tiveram continuidade sob a supervisão de Ernst Pernicka.

O *Project Troia* recebeu, além do financiamento das universidades envolvidas, um patrocínio da empresa automobilística Daimler-Chrysler, que possibilitou aplicar métodos e técnicas modernos para resolver velhos problemas deixados pelos antecessores de Korfmann. Um desses problemas era a existência ou não de habitações fora dos limites do monte de Hissarlik. Tanto Schliemann como Dörpfeld já tinham notado que o sexto estabelecimento (Troia VI/VIIa) parecia não se limitar ao monte de Hissarlik, mas se estendiam pelos arredores da montanha; a expedição americana tinha descoberto, em 1934, um cemitério que pertenceria à Troia VI, mas se localizava a cerca de 500 m da cidadela. A questão seria se entre a colina de Hissarlik e o cemitério existiriam habitações. Korfmann, em seu primeiro ano de escavação, utilizando uma nova técnica de produção de imagem (geo) magnética, um tipo de raio X fotográfico, conseguiu obter imagens de estratos inferiores sem perturbar o estrato superficial que apresentava as construções de Troia VIII ou a Troia greco-romana. Por sua vez, o fato de haver uma parte baixa da cidade levava à inferência sobre a existência de um muro que a protegeria e, no ano seguinte, usando um magnetômetro de céσιο, a equipe descobriu um muro cerca de 400 metros a sul dos muros da cidadela VI. Três escavações-teste foram feitas em tal área em 1993, mas o que emergiu não foi exatamente um 'muro', e sim uma trincheira, parte de um sistema defensivo que circundava uma área de 200.000 m². A estimativa populacional de Korfmann para Troia VI de cerca de 6.000 a 7.000 habitantes se tornava bastante plausível e, mais do que isso, a hipótese de que o tipo de organização urbana de Troia se assemelhava mais ao anatólio do que ao micênico aproximava Troia dos centros comerciais do Oriente Antigo. Embora Troia VI/VIIa apresente o *megaron*, construção característica dos palácios micênicos, as trincheiras não fazem parte do sistema de construção micênico, mas são típicos das cidades da Anatólia.

Donald F. Easton, que fazia parte da equipe de Korfmann, notou que a cerâmica acinzentada denominada "mínia", que abunda no sítio de Troia desde Troia V, não foi padronizada a partir de modelos da Hélade Continental, mas em modelos anatólícos. De toda a cerâmica recolhida durante as escavações de 1988-95, apenas 1% era cerâmica micênica (e a maioria era imitação dela). A cerâmica acinzentada mínia então recebeu outro nome: cerâmica acinzentada anatólia. As práticas funerárias como a cremação do morto em vez da inumação também seria de origem anatólia. Dessa maneira, Troia deixava de ser uma cidadela fortificada no topo de um monte para se caracterizar como

um grande e importante centro urbano para os padrões daquela época (LATA CZ, 2004, p. 22-37).

Se a organização urbana era tão semelhante às cidades da Anatólia, a sua organização política não deveria ser diferente, pensou Korfmann. Mais do que isso, o tamanho de Troia VI/VIIa sugeria que ela deveria ser mais do que um centro agrícola ou pastoril, e que sua magnitude deveria ser explicada em termos comerciais, principalmente por sua privilegiada posição próxima ao mar, numa área de passagem. Logicamente, Troia não deve ter passado despercebida aos hititas, proeminentes na Anatólia durante o período.

Korfmann, baseando-se em textos e materiais arqueológicos hititas, defendeu que a guerra sobre a qual Homero discorre aconteceu no final de Troia VIIa, em torno de 1200-1180 a. C. O estudo dos textos e inscrições hititas tem elucidado bastante a geografia do oeste da Anatólia durante a Idade do Bronze Tardia (c. 1300-1200 a. C.). Há poucas dúvidas de que a *Wilusa/Wilusija* dos textos hititas corresponda ao termo *Ílios* e que *Tarwisa/Tru(w)isa* corresponda ao termo Troia; e é provável que os termos *Lazpa*, *Apasa* e *Millawanda/Milawata* sejam respectivamente Lesbos, Éfeso e Mileto. Os textos ainda falam de uma terra de *Ahhiyawa* que corresponderia ao termo Acaia (LATA CZ, 2004, p. 75-96).

As intersecções entre hititas e micênios não param por aí. Um vaso em forma e decoração no estilo do Heládico Tardio IIA (c. 1525-1450 a.C.), mas fabricado em argila local (da região da Anatólia), foi encontrado em Troia, enquanto um vaso hitita em prata foi encontrado no Túmulo em Poço IV de Micenas. A grande muralha defensiva de Troia VI foi erigida nesse período. No reino hitita de Tudhaliya II (c. 1400 a. C.), um homem da *Ahhiya(wa)*, *Attarsiya*, é referido como comandante de um destacamento de infantaria mais 100 carros na costa da Anatólia. Uma espada de tipo micênico foi dedicada por *Tudhaliya* a uma divindade como agradecimento por uma vitória, e uma tigela hitita incisa apresenta uma cena de um guerreiro vestindo o que seria uma vestimenta micênica. O Heládico Tardio IIIA2 (c. 1380-1310 a. C.) (WEINER, 2003) é o período do grande impacto da expansão micênica na costa da Anatólia e no Dodecaneso. Durante o Heládico Tardio IIIA e B, a interação ia além de trocas e emulação artística, chegando às práticas mortuárias: um cemitério na costa próxima a Troia, que continha cerâmica do Heládico Tardio IIIA e B, revelou uma mistura de inumações e cremações em crateras acompanhadas de armas.

No final do Heládico Tardio IIIB e início do IIIC, o sistema palacial de Micenas entrou em colapso e com ele o sistema da escrita burocrática. Ataques provenientes do norte e/ou dos "Povos do Mar", lutas internas ou entre os palácios, terremotos, pragas, mudanças climáticas, colapso econômico ou do sistema comercial têm sido as hipóteses propostas, quer individualmente, quer em conjunto, para o fim do sistema palacial micênico. Nesse contexto, é possível imaginar várias razões estratégicas para uma guerra entre *Wilusa* e *Ahhiyawa*. Pouco tempo separaria a expedição contra Troia e a destruição de Pilos, por exemplo. Tucídides (1.12) conta que o retorno dos gregos após a Guerra de Troia levou vários anos, durante os quais guerras civis ocorreram entre algumas cidades, causando o movimento da população para novos lugares.

Homero a ferro e fogo

No final do século XIX, quando as publicações de Schliemann e de Tsountas associavam a sociedade micênica com a sociedade presente nos poemas homéricos, a incongruência entre os costumes funerários daquela civilização, em que os grandes túmulos eram repositórios da inumação dos mortos, e aqueles descritos em Homero, em que a incineração é a prática dominante, não deixou de colocar a comunidade de estudiosos diante de uma situação embaraçosa. Como explicar tal incongruência?

Com o avanço das pesquisas arqueológicas e o aumento do número de sítios escavados, notou-se que a inumação dos mortos, característica dominante na época micênica foi sendo substituída pela incineração. Essa nova prática se mostrou não ser tão nova assim, já que na Tessália ela fora praticada esporadicamente em períodos precedentes (HÄGG, 1987). A prática desse procedimento de maneira mais ampla no Egeu durante a passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro é um fenômeno cuja explicação residia na chegada de um novo povo, os dórios, mas essa explicação aos poucos foi abandonada, sendo atualmente encarada como uma prática que se espalhou do Oriente sem necessariamente ser acompanhada de um movimento populacional que implicasse na invasão do território grego por outro povo.

Se a poesia homérica se propunha retratar o Período Micênico, ela falhava quanto às práticas mortuárias. Embora não se possa dizer que a inumação era totalmente estranha aos poemas, a incineração de dois grandes heróis dos poemas homéricos exprime uma prática corrente durante a Idade do Ferro.

M. I. Finley, em seu *O Mundo de Ulisses*, deixou clara a sua posição em relação aos poemas homéricos: ainda que houvesse ataques a Troia durante a Idade do Bronze, a sociedade descrita por Homero nada tem a ver com a sociedade dos palácios micênicos. A sociedade apresentada pelos épicos homéricos corresponderia mais precisamente à sociedade dos séculos VIII e VII a.C., e sua remissão à Idade do Bronze se basearia na necessidade de se estabelecer uma ligação a um passado considerado heroico.

Três tipos de evidências sugerem uma necessidade de se estabelecer conexões com os reis do Período Micênico: o aumento repentino do culto heroico em várias regiões, demonstrado pela nova prática de deixar oferendas votivas em túmulos micênicos; as reminiscências da era heroica na arte figurativa, às vezes referindo-se a um episódio específico ou apresentando detalhes emprestados pelo tema heroico; e a circulação da poesia épica. Os reis micênicos se tornaram objeto de certo interesse por parte dos governantes do Período Geométrico e, em consequência disso, tornaram-se os heróis da poesia épica.

A omissão ou não de Homero em relação ao culto heroico também é algo bastante discutido (PRICE, 1973). O tratamento de Erecteu na *Ilíada* e o apreço pela topografia dos túmulos seriam elementos que comprovariam o conhecimento do culto heroico em Homero.

No final do século VIII a. C., a arte figurativa teria começado a adquirir uma tonalidade épica e seria fruto do interesse nesse passado heroico, já manifestado nos costumes funerários. A relação entre a épica e a arte figurativa desse período tem sido colocada frequentemente como uma relação de causa e efeito: a causa seriam os poemas homéricos e o efeito seria a figuração de elementos dessas narrativas nas artes visuais. Ahlberg-Cornell (1992) acredita que essas representações em vasos estariam de acordo com a tradição literária, o que provaria que os pintores estavam familiarizados com a narrativa épica. Esse posicionamento em relação à arte figurativa do século VIII a. C. se contrapõe àquele defendido por Snodgrass (2004): poeta e pintor são tipos independentes de artistas com diferentes fontes, interesses e técnicas. Mesmo que as cenas representadas nos vasos do Período Geométrico Recente apresentem um conteúdo heroico ou mitológico, elas não fornecem provas suficientes de que os artistas se referissem necessariamente à poesia homérica, já que outras narrativas da tradição oral, da qual as narrativas homéricas são parte mas não deveriam ser o todo, não deveriam ser desconhecidas dos artistas do Geométrico e de seus clientes.

Da mesma forma, inscrições em verso sobre a cerâmica do final do século VIII a. C. mostram certa familiaridade com a forma métrica da épica. Em 1954, foi encontrada, em um túmulo no sítio de Pithekoussai, na ilha de Ísquia, na Itália (a mais antiga colônia grega a oeste) uma *kotile*, que se acredita ter sido manufaturada na ilha de Rodes, datada de cerca de 720 a. C., com uma inscrição que diz: “Eu sou a taça de Nestor, boa para beber. Quem quer que beba de mim, imediatamente será tomado do desejo de Afrodite bem-coroadada”. Embora seja considerada uma influência direta da épica homérica, essa inscrição não é uma citação direta da *Ilíada* ou da *Odisseia* (SNODGRASS, 1979).

O estudo das armas na *Ilíada* mostra que algumas características da cultura material da Idade do Bronze estão preservadas no poema, mas elas são muito menos numerosas e certas do que se acredita. Enquanto o escudo de corpo inteiro, o elmo de presas de javali e as espadas com cravos de ouro e prata são ‘micenismos’ em Homero (sem mencionar a maior ocorrência de armas de bronze do que de ferro), o uso de um par de lanças ou dardos em vez de uma única lança, como era a prática micênica, é um elemento do Geométrico.

Sociedade e cultura homérica?

Sherratt (1990) defende que a origem da épica pode ser traçada até o Período Pré-palacial micênico (séc. XVI a. C.), já que são encontrados nos poemas homéricos descrições de armas que remetem às armas provenientes dos Túmulos em Poço (séc. XVI-XV a. C.) e que caíram em desuso após o Período Palacial. Outro argumento em favor da origem da épica ser anterior ao Período Palacial se baseia nas cenas de cerco a cidades muradas representadas no afresco de Thera, em vasos em metal e também em selos datados do início do Período Micênico. Entretanto, cercos a cidades muradas não seriam exclusividade desse período.

A inconsistência entre as práticas funerárias predominantes anteriores à Idade do Ferro e aquela representada nos poemas, a incompatibilidade entre o padrão de medida utilizado em Homero, em que o valor é medido em número de bois, com o sistema administrativo dos palácios micênicos, e vários “desconhecimentos” por parte dos poemas em relação à estrutura palacial, como a escrita, por exemplo, são argumentos que contam contra a circunscrição da épica, ou de sua origem, em períodos recuados como o micênico.

A ideia da continuidade de uma mesma identidade cultural para os habitantes dos palácios do Período Micênico e os habitantes da Grécia do século VIII a. C. encontra no deciframento da Linear B o seu maior argumento. Mas o vocabulário institucional dos tabletes em Linear B, apesar da existência de termos que se encontram na épica homérica, representa uma organização política bastante diferente da encontrada nos poemas. Mas até que ponto a continuidade linguística compreende e exprime a continuidade de outros aspectos culturais de uma sociedade como seus hábitos, religião, comércio ou conhecimento técnico?

Joachim-Hölkeskamp (*apud* LATA CZ, 2004, p. 165-166) aponta que o colapso do sistema palacial micênico e suas consequências não resultaram em uma ruptura abrupta e definitiva porque não refletiram diretamente nas estruturas subjacentes como as técnicas de manufatura, os hábitos alimentares, as relações comerciais, o transporte, a comunicação, a atribuição de nomes de divindades ou a religião. As mudanças ocorridas entre o século XV e o VIII a. C. de caráter econômico, demográfico, social e político seriam as esperadas de qualquer povo durante o curso de muitos séculos, numa mesma área de habitação.

Snodgrass (2000) percebe essas mudanças de maneira diferente. O século XI a. C. marca a passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, que pode ou não ser igualada ao início da chamada Idade Obscura. O fato é que esse período foi precedido pela época micênica, caracterizada principalmente pelo sistema palacial. Esse sistema se desintegrou no século XI a. C. junto com a escrita, mas o estilo e decoração da cerâmica continuaram nos moldes da tradição micênica, e um número substancial de assentamentos micênicos continuou a ser habitado; as práticas funerárias de enterramento em túmulos em câmara persistiram, embora mais raramente nas *tholoi*; os ornamentos tradicionais das vestimentas micênicas e as figurinhas femininas em argila eram ainda encontradas. Apesar da continuidade desses aspectos internos da civilização micênica, junto com o sistema palacial e a escrita Linear B também desapareceram as referências em documentos hititas e egípcios.

Snodgrass mostra que, após as destruições dos palácios micênicos, no final do século XIII (c. 1200 a. C.), a população responsável por aquela cultura permaneceu lá. A região da Argólida, centro da cultura micênica, foi a que mais sofreu com as destruições, mas também se recuperou de maneira mais sólida: embora Micenas tenha deixado de ser habitada, Argos e Asine, outros dois grandes centros dessa região, continuaram a ser.

Embora elementos de continuidade possam ser percebidos, certamente, a Hélade do século VIII a. C. não é a mesma do período micênico. Outra forma de organização social é encontrada e culminará no surgimento da *pólis*, há um aumento de rotas comerciais, a adoção do alfabeto fenício e sua adaptação, a volta da arte figurada.

As pesquisas arqueológicas revelaram que há elementos da poesia homérica que podem remeter desde o século XVI a. C. até o século VIII a.C.¹⁵ Essa grande abrangência temporal à qual a épica homérica pode remeter desperta muitas questões sobre a natureza da memória histórica que esses épicos podem carregar e aponta para a extrapolação dos limites dessa memória histórica possível à poesia tradicional oral.

Portanto, termos e expressões como “sociedade homérica” ou “cultura homérica” podem assumir significados muito diversos. Talvez o mais pertinente deles seja aquele que se refere à cultura e à sociedade internas ao poema; uma cultura e uma sociedade que não remetem historicamente a nenhuma sociedade ou cultura específica ou a várias das que podem ser encontradas na realidade factual. Cobrar dos épicos homéricos o que não se propuseram fazer, ou seja, ser documentos históricos, incorre não apenas em uma injustiça com os poemas mas em um anacronismo imposto pela modernidade cuja consequência mais imediata é nublar o entendimento do texto e das sociedades que se pensa estarem presentes neles. Entretanto, é possível não somente apreciá-los como obras literárias, mas torná-los objeto de investigação científica, uma investigação consciente do caráter compósito da representação contida nesses poemas, uma representação moldada pela tradição de poesia oral e que encontra nos poemas homéricos a principal chave de acesso.

Referências

Documentação primária impressa

HOMER. *Homeri: Opera*. Edited by ALLEN, T. W.; MONRO, D. B. Tome I: *Iliad* I- XII. 3ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1920.

HOMER. *Homeri: Opera*. Edited by ALLEN, T. W.; MONRO, D. B. Tome II: *Iliad* XIII- XXIV. 3ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1920.

¹⁵ E até mesmo ao século VI a. C., como defende Van Wees (2004).

Obras de apoio

- AHLBERG-CORNELL, G. *Myth and epos in early Greek art: representation and interpretation*. Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1992.
- BLEGEN, C. *Troia e os troianos*. Lisboa: Verbo, 1971. [1963]
- BLEGEN, C. *The palace of Nestor at Pylos in Western Messinia*. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- CHADWICK, J. *The decipherment of Linear B*. New York: Cambridge University Press, 1995. [1958]
- FINLEY, M. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1982. [1954]
- FURUMARK, A. *The Chronology of Mycenaean Pottery*. Stockholm: Akademien, 1941.
- HÄGG, R. Submycenaean cremation burials in Argolid? In: RAFFINEUR, R. (Ed.) *Thanatos. Les coutumes funéraires en Égée à l'âge du Bronze*. Liège: Aegeum 1, 1987, p. 207-214.
- LATACZ, J. *Troy and Homer: towards a solution of an old mystery*. Oxford: Oxford University Press, 2004. [2001]
- PRICE, T. H. The hero cult and Homer. *Historia*, n. 22, p. 129-143, 1973.
- SCHLIEMANN, H. *Troy and its remains: a narrative of researches and discoveries made on the site of Ilium and in the Trojan plain*. New York: Dover Publications, 1994.
- SCHLIEMANN, H. *Ítaca, o Peloponeso e Troia: pesquisas arqueológicas*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- SCHLIEMANN, H. *Mycenae: a narrative of the researches and discoveries at Mycenae and Tiryns*. New York: Arno Press, 1976a. [1880]
- SCHLIEMANN, H. *Ilios: the city and the country of the Trojans*. New York: Arno Press, 1976b. [1881]
- SHERRATT, E. S. Reading the texts: Archaeology and the Homeric Question. *Antiquity*, n. 64, p. 807-824, 1990.
- SNODGRASS, A. *Homero e os artistas: texto e pintura na arte grega antiga*. São Paulo: Odysseus, 2004. [1998]
- SNODGRASS, A. *The Dark Age of Greece: an archaeological survey of the eleventh to eighth centuries B.C.* Edinburgh: University Press, 2000. [1971]
- SNODGRASS, A. Poet and painter in eighth-century Greece. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 205, (New Series n. 25), p. 118-130, 1979.

- STUBBINGS, F. H. *Prehistoric Greece*. New York: The John Day Co., 1973.
- TORRALVO, A. C. *As dimensões sociais dos costumes funerários entre os micênios*. 1993. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- TSOUNTAS, C. *The Mycenaean Age: a study of the monuments and culture of pre-Homeric Greece*. Boston: The Riverside Press, 1897.
- VAN WEES, H. *Greek warfare: myths and realities*. London: Duckworth, 2004.
- WACE, A. J. B. Notes on the Homeric House. *The Journal of Hellenic Studies*, n. 71, p. 203-211, 1951.
- WACE, A. J. B. Mycenae, 1939. *The Journal of Hellenic Studies*, n. 59, p. 210-212, 1939.
- WEINER, M. H. The absolute chronology of Late Helladic IIIA2 revisited. *Annual of British School at Athens*, n. 98, p. 239-250, 2003.